

Minha Avó

Edita Ramona González, nome que foi dado a minha avó, é quase que a única lembrança que ela tem de seus pais, que morreram quando ainda era uma criança.

Minha avó tinha vivido todos seus anos, antes de se casar, com a sua tia “Monona”, irmã de sua mãe, de quem recebeu algo de educação básica, além de algumas ferramentas de trabalho, como a costura e cozinha.

Quando Edita tinha 19 anos, conheceu seu primeiro esposo e pai de seus primeiros três filhos. Justo neste ponto, começa uma de suas vivências mais difíceis, e que marca um dos mais importantes pontos de inflexão em sua vida.

Seu primeiro esposo era um homem com uma posição social e política muito boa, sendo prefeito da cidade onde morava. Como homem de política, estava acostumado a ter muitas pessoas a seu redor, frequentando diferentes espaços de reunião, negócios e diversão, não sobrando tempo para compartilhar com minha avó e seus primeiros filhos.

Um dia, depois do nascimento da última criança, sua primeira menina (Silvia), o esposo chegou em casa com outra mulher, sem ter dito previamente para sua esposa que ela iria morar ali.

— Como assim? — perguntou minha avó com muita preocupação. — Ela é aquela mulher de seus lugarzinhos de diversão? Aquela prostituta de quem todos falam?

Muito brava, começou a discutir com ele. Naquele momento, como em muitos outros, ele estava bêbado, e fez uma coisa que nunca tinha feito: golpeou fortemente a minha avó, pensando, talvez, que com a força podia conseguir sua aprovação, mas ela nunca teria aceitado aquela forma de viver.

À noite, minha avó não conseguiu dormir, passou cada hora no quarto dos filhos, chorando e pensando em tudo o que tinha acontecido:

— Mas, para onde? — pensava com muita aflição. — Conseguirei sobreviver com todos os meus filhos sem um esposo? Onde moraremos? Será justo para eles? — essas, e muitas perguntas vinham constantemente no transcurso de cada hora.

Quando eram aproximadamente quatro da manhã, tomou a decisão de fugir, sem um rumo fixo, só para escapar daquela miserável vida que a esperava.

Pegou tudo quanto conseguiu, roupa para ela e seus filhos, algum dinheiro e algumas joias que poderia vender em caso de emergência, e assim com medo, mas também com muita coragem, **insistiu em que deixaria aquela vida para sempre**, saindo rapidamente da casa.

O menino mais velho tinha apenas quatro anos e, sem entender nada do que estava acontecendo, perguntou:

— Mamãe, para onde vamos? E o papai, por que não vem?

— É melhor ficar calmo, meu filho, precisamos fazer uma pequena viagem — falou com muita placidez minha avó. — Lembra que seu pai sempre fala que, se vocês quiserem fazer uma viagem, podem fazê-la comigo?

Ela conseguiu pegar o primeiro ônibus que passava perto da casa, e, no caminho com os filhos, ia pensando que coisas faria. Ela sabia que o seu marido, quando acordasse, ia se dar conta do acontecido e, se não tentasse ficar o mais longe possível, ele poderia encontrá-la.

Desceu e subiu em mais de cinco ônibus, pensando em ir cada vez mais longe, sempre tentando pegar alguns caminhos pouco convencionais, para evitar ser encontrada.

Era aproximadamente meio dia, um dia muito quente, talvez 40 graus de temperatura, sem comer nada, alimento só para os meninos. O ônibus onde estava foi parado pela polícia, e rapidamente ela pegou os filhos e tentou cobrir seu rosto. A polícia, sem maior escusa, pediu para que descessem todas as mulheres; ela não sabia o que fazer, só pensou que talvez a sorte nesse dia estaria do seu lado.

Um dos policiais perguntou para ela:

— Qual é o seu nome, senhora?

Muito nervosa, e tentando esconder a menina mais nova, respondeu:

— Me chamo Maria.

Rapidamente, o policial se deu conta que nas coisas dela algo estava se movendo. Nesse momento ele retirou as mantas e viu a menina. Imediatamente chamou seu superior, pensando que tinha encontrado a pessoa que procuravam.

O policial superior rápido se aproximou e a reconheceu. Era Edita, a mulher do prefeito. Primeiro ordenou que o ônibus partisse e logo mandou levar todas as crianças para o carro dos policiais; em seguida pegou Edita pelas costas e falou:

— Vamos caminhar um pouco, mulher! Nada de olhar para trás.

— Para onde, policial, para o mato? Preciso de meus filhos, por favor —nervosamente lhe falava.

— Calma, preciso cumprir ordens, não fale.

Caminharam por alguns minutos em direção à mata. Ao chegar lá, ele disse:

— Mulher, mulher... A ordem foi muito precisa: pegar as crianças, matar você e, cumprida a ordem, retornar com eles. Mas eu vou lhe dar uma alternativa. Você vai ter a opção de ir longe, aonde você quiser, esquecer seus filhos, e começar uma vida nova. Nunca mais poderá aparecer, porque sua sorte pode ser outra. Se eu fosse você aceitaria, eu só vou disparar para o ar, mas, se você não aceitar, vou ter que matá-la.

— O que meu marido falou sobre mim, por que me quer fazer tudo isso?

— Ele disse que você tinha roubado umas coisas que ele havia comprado e que isso era uma traição.

Muito confusa, nervosa, com um nó na garganta e baixando a cabeça, falou suavemente:

— Aceito, vou para longe e nunca mais aquele homem vai saber de mim, só por favor não conte nada para meus filhos, deixe que ele dê a versão que quiser.

O policial retornou e falou para seus companheiros:

— O pedido foi cumprido, agora podemos retornar.

Assim, minha avó ficou escondida nessa mata até o final da tarde. Quando saiu dali, pegou um ônibus e continuou seu caminho. Muito longe daquele lugar, mudou seu nome para Eva e, fiel a sua promessa, iniciou uma nova vida. Arrumou um trabalho, e, com os anos, passou a ter a companhia de novos filhos.

Aqueles meninos que voltaram para seu antigo esposo só souberam uma versão da história:

— Sua mãe os abandonou, ela disse que não queria ficar com vocês e decidiu deixá-los comigo porque ela queria outra vida, sem vocês e sem mim.

Dessa forma, com tristeza e posteriormente rancor, aquelas crianças cresceram, transformando-se em adultos que pensavam em sua mãe com raiva.

Depois de 20 anos, aquela menina que tinha uns quantos meses quando a minha avó teve que deixá-la, um dia decidiu procurar a sua mãe, saber por que ela a abandonou.

Foi por vários vilarejos, próximos da sua cidade, e nenhuma resposta. Logo decidi ir mais longe, aproximadamente oito horas de distância. Ali perguntou a muitas pessoas por Edita, mas ninguém a conhecia. Um dia, antes de ela se decepcionar com sua viagem, uma senhora se aproximou e perguntou:

— Olha, moça, tenho visto você por aqui faz vários dias, e, depois de olhá-la em diversas ocasiões, lembrou-me de uma senhora que chegou há mais de quinze anos por aqui, seu nome é Eva, e você é muito parecida com ela.

A moça se emocionou, e perguntou:

— Onde mora ela? Talvez a senhora conheça a pessoa que estou buscando.

Ela lhe deu o endereço, e rapidamente Silvia se apressou a procurar a casa de Eva.

Quando chegou nessa casa, viam-se seis meninos, bem magros, e descuidados, alguns sem roupa. A menina mais velha se aproximou e perguntou:

— Com quem você quer falar, moça? Você parece vinda dum conto de fadas. Acho que se confundiu de lugar.

Silvia também achou que havia se confundido, mas perguntou se ali morava a senhora Eva.

— Claro! É nossa mãe. Tem sorte de encontrá-la, pois sempre está de viagem trabalhando.

Gritou:

— Mãeee!

“Olha, moça, em minha escola precisam de uma professora, vai ser você?”

Silvia só sorriu.

Eva se aproximou da porta e, quando viu Silvia, suas lágrimas começaram a sair de repente, sem explicação, como se o tempo não tivesse passado. Elas se reconheceram, era a sua pequena que só tinha alguns meses desde a última vez que a viu, sem esquecê-la jamais.

Depois de se abraçarem fortemente, Silvia ficou alguns dias ali, ouvindo a verdadeira história da separação dos pais, conhecendo a sua verdadeira mãe, seus novos irmãos e irmãs, cujos nomes ainda não sabia, uma delas minha mãe,

compartilhando histórias de vida, oferecendo-lhes um afeto de anos guardado com muito carinho e criando laços que nunca mais desapareceriam.

Diário temático

Os sons da cotidianidade

O tema relaciona, a partir de pequenas reflexões, como determinados sons de minha cotidianidade neste período de quarentena me levam à construção de diversas emoções, pensamentos e/ ou anedotas de minha vida.

Dia 1. Golpes de martelos

Os golpes dos martelos nascem da força de cada homem, ritmicamente perfeitos, com certa aleatoriedade, constroem o futuro desta cidade, constroem os sonhos de muitas pessoas. Essa força fará levantar uma edificação que pode não ter um significado profundo ante muitas outras edificações, mas só penso,

terá algum significado para eles, os construtores?
Forma parte de algum de seus sonhos?
Sentem-no como parte de sua criação artística?
Compreenderam o significado histórico de seu labor?

Por minha parte só penso na importância de cada um deles, para o futuro da mesma humanidade.

Os golpes dos martelos de algum jeito nos unem, numa história comum.

Dia 3. late janis!

A linguagem dos cachorros se reduz a pequenos, breves, fracos ou fortes latidos, que nos podem:

Assustar
Incomodar
Fazer lembrar
Ajudar a identificar

é a forma mais próxima para se comunicar com outros cachorros, janis frequentemente late para outros e algumas vezes eles respondem.

Curiosas, todas as formas de nos comunicarmos!

Dia 8. A vibração das cordas

A energia contida na vibração duma corda é transferida a outras, produzindo às vezes o fenômeno da ressonância; esta nova corda, então, vibrará produzindo um novo som;

ambos chegam a essa caixa, acontecem reflexões, interferências, difrações, e possivelmente conseguiremos ouvir outros sons que nasceram de todo esse processo físico.

O som claro e escuro
O som brilhante ou opaco
O som nítido ou embaçado

Cada um deles, com suas qualidades tímbricas, podem chegar a se transformar em pequenos e breves fragmentos melódicos, que em algumas ocasiões me lembram momentos de meus primeiros passos na música, na física e agora em meu principal interesse de pesquisa.

Foi nessa vibração na corda do violão que começaram meus primeiros passos pelo conhecimento do timbre na música.

Dia 12. As teclas

Meu novo trabalho na pesquisa me faz ficar mais tempo perto destas teclas, que toco cada dia, que me fazem ficar mais perto de pessoas, de ideias, de criação artística ou intelectual.

As teclas que sem sons produzem ritmo

As teclas que sem sons produzem harmonia

As teclas que sem sons produzem música

As teclas que sem sons produzem afeto

As teclas que sem sons produzem calor

As teclas que sem sons produzem palavras

São essas teclas que me fazem ficar perto de tudo e todos!

Dia 18. A panela da cozinha

Os cheiros misturados chegam iguais aos sons, sons das panelas quando a preparação dos alimentos se faz. Sons que falam da dedicação, da habilidade, que me trazem lembranças de minha infância, de minha juventude, sons que podem gerar diversas memórias afetivas, sabores e sensações.

Minha memória funciona fielmente a lembranças que trazem cheiros e sabores, me leva qual máquina do tempo a diferentes etapas de minha vida, nesta ocasião o mecanismo que ativa essa máquina é produzido por um som específico, os sons das panelas da cozinha, e o tempo, para onde viajarei, será definido pela mistura dos diferentes alimentos e temperos.

Para onde viajarei desta vez?

Dia 24. O relógio

Tic tac, tic tac...

O relógio define o início,

Tic tac, tic tac...

O relógio define o fim,

Tic tac, tic tac...

O relógio define nosso tempo,

Único ou relativo?

Tic tac, tic tac...

O relógio define a transição entre cada etapa, da noite para o dia, da vida para a morte. 60 ppm, só.

Quanta música escrita aí?

O dia um pós-pandêmico

O dia um chegou, mais sonhos, mais caminhos, mais olhares, mais corações, mais esperanças.

O dia um chegou, menos abraços, menos proximidade, menos suspiros, menos almas, menos compaixão.

O dia um chegou, com a brisa que ainda se detém na metade de nossos rostos, que não é percebida por nossas mãos-luvas e pela qual pouco de nossos sentidos se deixam cativar.

O dia um chegou, numa nova configuração de vidas, de realidades, de estrutura social, de consciência, de solidariedade.

O dia um chegou, e com ele o maior sonho coletivo que se une a outros e outros, sabendo que sem tocarmos podemos continuar construindo este, nosso mundo, com olhares, cantares e sinais.

O dia um chegou, e, assim, o dia um, como um breve respiro, acabou.

(maio de 2020)

Atividade sobre Imagem¹



1. O que acha de interessante na imagem?

Na imagem se pode observar uma composição claro – escuro composta por natureza: um bosque, um pequeno rio e uma criança.

O primeiro plano fica ressaltado pela maior luminosidade na criança. O menino está perto do pequeno rio, agachado, olhando para o chão, aparentemente pegando umas sementes, e do lado dele está um chapéu.

Quando observamos ao fundo, essa luminosidade vai se perdendo até que só permaneça algo completamente escuro, o que dá a impressão de um caminho que continua cheio de árvores.

O interessante da imagem é que mostra, numa composição visual, a simples

¹ Ilustração de Gustave Doré ao conto “O pequeno polegar”. Copiada do livro: PERRAULT, Charles. *Contes*. Paris: J. Hetzel, libraire-éditeur, Hachette, 1978, p. 147.

relação da vida, do início de todas as coisas, o universo mesmo descrito em tudo o que dá início: a água, a semente, a criança e o raio de sol, necessários em nossa atmosfera para o surgimento da vida.

2. Faça uma história a partir da ilustração

Acordou quase como todos os dias, cheio de preocupações, olhando o futuro com muitas angústias. Sua mirada perdida através duma janela, olhava o que a cada manhã lhe fazia companhia: montanhas, grandes árvores, paisagens, um céu cheio de nuvens, mas ele sem saber o que fazer com cada um dos dias.

Irish, o nome que alguma pessoa deu, alguma pessoa com ou sem vínculo, já não lembrava. Foram muitas as histórias que sua mente criou cada dia, cada estação do ano, quase 40 anos depois ainda procurava respostas.

Numa dessas manhãs Irish decidiu sair, não conhecia o caminho, pelo menos 30 anos tinha nesse quarto, consumido por seus medos.

Irish caminhou por aquela ladeira, verde, cheia de flores, de borboletas. Ele, como costumava estar bem vestido, até com seu chapéu preferido. Desceu, olhava para o céu, não acreditava estar vendo todo esse universo de cores, sentindo a brisa, o som de todo seu redor.

Sua mente ia criando formas com toda essa maravilhosa natureza. Caminhou por várias horas, talvez dias, talvez anos, até que de repente foi entrando numa atmosfera diferente, já o céu não estava lá, tudo era cada vez mais escuro, mas continuava entrando.

—

1. Comentário sobre a música *Amanhã*, cantada por Caetano Veloso²:

O tema principal da música gira em torno do "amanhã" e o que ele representa, como principal símbolo de esperança, luminosidade e novas oportunidades, que, apesar de misterioso e desconhecido, também é uma janela de possibilidades.

Mostra-nos o "amanhã" como uma opção diante de qualquer adversidade, diante do que é aparentemente permanente ou eterno, é naquele amanhã em que tudo pode acontecer, tudo pode mudar, sempre com a certeza de que vai chegar.

2. Comentário sobre o conto *A Princesa e o Burro*³:

Esta história nos mostra de uma maneira geral, e a partir de uma narrativa simples, certos elementos da natureza humana, como a persistência, o preconceito, a solidariedade e o agradecimento por boas ações.

O primeiro podemos ver na princesa, que, apesar de seu pai estar contra o desejo que

² *Amanhã*, música de Guilherme Arantes, cantada por Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T_WFANGukUM>. Acesso em: 3 set. 2020.

³ A princesa e o burro. In: HISTÓRIAS da Tradição Sufi. Rio de Janeiro: Dervish, 1993, p. 147-151.

ela tinha de ter um burro, procura os meios para convencê-lo. Dessa maneira, ela demonstra que o que queremos deve ser perseguido independentemente do que as outras pessoas pensam.

O segundo o encontramos no pai, que no princípio via pouco valor no desejo da filha por um burro, já que ele era um animal comum e ela, sendo uma princesa, podia obter o que quisesse. Logo depois, ele percebe o valor que certos animais podem ter para ajudar a manter algumas espécies afastadas.

O terceiro podemos vê-lo na Tia, que se identifica com a necessidade da princesa, ajudando para que ela consiga o que quer.

E o último o encontramos no jovem, que simplesmente agradeceu à princesa por tê-lo libertado e se comportou de maneira gentil e solidária com os mais necessitados.